



Entrevista

O Fluminense - OFLU Revista Data de publicação: 02/10/2006

Entrevista com Bia Bedran: Dedicção às artes e às crianças

Emanuel Alencar

"Não, não quero ver / A guerra na TV / Como se fosse em meu quarto / Jogando um videogame". O trecho de "A criança e a guerra", do novo álbum de Bia Bedran não deixa dúvidas: aos 50 anos, a artista niteroiense quer disputar a atenção das crianças num tempo de explosão das informações e da cultura da superficialidade. As músicas continuam destinadas ao público infantil, como há 20 anos, mas agora estão mais encorpadas, densas. Contraponto necessário, talvez.

Ao longo da carreira Beatriz Martini Bedran já fez de tudo. Foi artista, cantora, compositora, escritora e apresentadora de programa na televisão. Há 15 dias batizou uma biblioteca do Morro do Cavalão, Zona Sul de Niterói. Missão cumprida? Nada disso. Nesta entrevista ela revela certa mágoa por ser rejeitada pela grande mídia e diz que pensa em fazer carreira no exterior – "talvez em algum país de língua portuguesa". Fala do início da carreira, dos próximos projetos e da função social do artista.

O FLU Revista – Você começou a estudar música ainda criança. Seus pais te incentivaram?

Com seis anos fiz minha primeira música. Como ainda não escrevia direito, mamãe anotou a letra. E ficou na dúvida se a canção era realmente minha, pois era toda certinha, rimava senhor, amor e salvador... Eu inventava versinhos toda hora. Acabei fazendo um arquivo de músicas. Meus pais sempre me apoiavam. Mamãe era pedagoga e bandeirante, fazia teatro de bonecos. Então eles amavam a história de eu estudar arte.

Você se notabilizou pelas canções infantis. Sempre escreveu músicas para crianças?

Quando eu era menina, compunha música para adultos. Era muito influenciada pelo João de Barro, Braguinha, Lamartine Babo, pelas músicas da Rádio Nacional. Eu compunha para adulto, fazia sambas, toadas, músicas políticas. Concorria com adultos em festivais de canção. Nos concursos, ninguém sabia que eu era criança, pois o papai só revelava a minha idade depois, para que eu não fosse desclassificada. Quando eu tinha 17 para 18 anos minha família fundou um teatro infantil. Aí comecei a entender a linguagem das crianças.

E como foi a experiência neste teatro infantil?

Durou dez anos, de 1973 a 82, em São Francisco. Eu já queria ser artista, mas fazia faculdade de Química. As peças eram todas musicadas por mim. Criamos 25 espetáculos para crianças.

Seu disco mais recente, Fazer um Bem, tem apenas composições próprias. Já Brinquedos Cantados, de 2003, é composto por canções de domínio público. O que determina o perfil de seus álbuns?

O primeiro disco que lancei, em LP, só tem músicas minhas. Na época, achei que o mercado precisava de discos para crianças e tinha acabado o contrato de meu programa na TV. Então quis registrar e apostar na carreira fonográfica. Um ano depois, lancei outro álbum de inéditas. Já no terceiro disco senti a necessidade de contar as histórias que eu contava na televisão. E fui alternando. (O perfil) vai de acordo com a necessidade de expressão, observando meu público, o que ele precisa escutar, onde estão as lacunas na cultura da criança brasileira.

A criança do século XXI está em contato com um grande número de meios de comunicação e aparelhos midiáticos. É preciso adaptar seus trabalhos a essa realidade ou a criança hoje é sensibilizada, pelos mesmos assuntos de 15 anos atrás?

Com certeza a criança mudou. Hoje, vemos um número expressivo de crianças agitadas, com concentração muito reduzida para atividades como a leitura. O mundo maravilhoso que a leitura propicia continua capaz de fascinar as crianças. Mas o excesso de informação dá um conhecimento um pouco raso, banaliza. Geralmente a mídia deixa as crianças muito perturbadas. Essa perturbação pode ser serenada com a leitura. A criança está mais relutante em ir ao teatro, tem preconceito. Mas na hora que a luz se apaga e a cortina abre, ela se fascina. Isso não mudou. A criança pode estar jogando videogame, mas se você tem uma boa história na manga, ela vai se interessar. Agora, é preciso oferecer alternativas de qualidade. A grande mídia não aprofunda nada, não mostra nada de valor. Este deve ser o papel do artista e do educador. Não sei se eu adapto alguma coisa, acho que faço o que sempre fiz usando um pouco mais de tecnologia.

Algumas brincadeiras antigas, como a troca de figurinhas, estão voltando. Como explicar este fenômeno?

Acho que acontece como naquela música do Chico, Gota d'água. O mundo vai ficando tão perdido, tão invadido, tão banalizado, que as pessoas acabam sentindo a necessidade de promover um retorno. Por isso, o meu disco Brinquedos Cantados, com brincadeiras antigas, vende que nem água. Essa história de cada um na sua começou a apavorar os pais. Há uma necessidade do resgate do encontro.

Em sua opinião, uma infância cada vez mais vivida dentro de casa, limitada às grades, é prejudicial ao desenvolvimento da criança?

Acho que sim. A criança urbana não se movimenta, não sobe em árvore. Os pais têm que levar à feira para eles conhecerem as frutas, saber que alguém as plantou, as colheu... Criança não pára de brincar, investiga as coisas naturalmente, mas há menos interação, pois falta espaço.

Você critica a programação da televisão brasileira por ser muito superficial. Há exceções?

Sim. Os desenhos animados americanos, que juntam tecnologia e criatividade. Os Incríveis, por exemplo, é uma obra-prima do cinema. A grande indústria norte-americana que enche a televisão de bobagem, também manda coisas maravilhosas. Fui ao cinema assistir A casa monstro com minha sobrinha e vi muitos adultos assistindo também. A literatura infanto-juvenil acaba entrando pelos cinemas.

Percebemos uma diminuição dos espaços literários no Brasil. É difícil trabalhar com literatura num País onde se lê pouco?

Muito difícil. Já me disseram que se eu morasse na Europa estaria rica... Trabalho com cultura e queria que minhas idéias atingissem a massa. Já fui chamada de contramão da mídia. Não acho que seja por aí. Preciso da mídia. Apenas ofereço algo que ela não oferece. Tenho vontade de passar o resto da carreira em um país lusófono.

A maioria de suas composições tem caráter educativo. Até que ponto o artista pode contribuir para melhorar o mundo?

O artista influencia muito a vida da pessoa, o bom artista marca para sempre. O palhaço Carequinha, por exemplo, foi um artista até o fim. Levou o circo para a grande mídia. O artista não pode mudar o mundo, mas muda uma pessoa. E as pessoas mudam o mundo.

Você é formada em musicoterapia. Em que a atividade te ajuda?

A musicoterapia me formou como compositora. Uso muitos intervalos musicais rítmicos que mexem com a afetividade. Já fiz músicas planejadas para tocar o emocional das pessoas.

Pretende voltar a participar de programas na TV?

Tenho vontade de voltar a trabalhar na televisão. O problema é que eu tenho muitas dúvidas sobre o que eu poderia fazer a não ser contar histórias e tocar meu violão. Mas os produtores de TV querem me botar num contexto modernizado, digitalizado. Estou sempre mandando meus projetos para a televisão, mas não tenho retorno.

Quais os próximos projetos?

De 4 a 26 de novembro estarei no Teatro da UFF apresentando os sucessos da carreira. Para o ano que vem estou programando uma temporada de seis meses no Teatro Villa Lobos, no Rio, do musical Histórias de um João de Barros. É um espetáculo sobre Braguinha, que faz cem anos em março.